

**ELEMENTOS DA PRÁTICA DOCENTE: A ORGANIZAÇÃO DO  
TRABALHO PEDAGÓGICO E A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO, NO  
CURSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR.**

Maria É Braga Mota  
Doutoranda - UFC

**RESUMO:** O estudo é parte do esforço teórico em contribuir com a compreensão do campo da formação do professor. Prioriza como objetivos analisar a formação no Curso de Pedagogia, perceber como se dá a relação professor-aluno, a organização do trabalho em sala, as influências na prática pedagógica dos alunos, que já exercem a função docente. Como hipótese inicial, acredita-se que o professor sofre influência dos saberes científicos, provocando mudanças profundas no seu fazer e pensar, de sua prática pedagógica, como na forma de organizar o trabalho docente. Considerando também que o saber docente, representa a experiência constituída em uma realidade concreta, somada aos conhecimentos elaborados que lhe foram transmitidos durante a sua formação. A análise permitiu confrontar teoria e prática, pelo fato de tratar-se de uma pesquisa qualitativa, com participação de adesão voluntária dos atores pesquisados. Aponta-se como conclusão, que a formação em pedagogia dos alunos-professores é considerada por estes, como importantes para repensar sua prática, influenciando e reproduzindo a partir da apreensão e compreensão das teorias e concepções trabalhadas pelos professores na formação. Dessa forma entendemos que cabe aos professores dos cursos de formação uma grande responsabilidade pela elaboração do trabalho pedagógico como forma de compreensão do seu fazer para a prática futura dos alunos que estão em processo de formação.

**PALAVRAS CHAVES:** Formação do professor, organização do trabalho pedagógico, relação professor-aluno, práticas pedagógicas.

## **Introdução**

As funções prioritárias da Universidade, segundo Veiga (1999, p.52), são pesquisar, produzir e distribuir conhecimento, e como instituição educativa, não pode favorecer apenas a dimensão profissionalizante.

Numa proposta de compreender as influências do curso de formação do Pedagogo e especialmente de alunos que já são professores, nos propomos a apresentar o resultado do estudo elaborado no curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri, no Ceará - URCA, analisando como está sendo elaborado o trabalho pedagógico pelo professor, afirmando ser esse a tradução da prática docente, a relação professor-aluno, como elementos estruturante do fazer profissional do professor e como essas questões podem ser refletidas no fazer dos alunos que já exercem a função docente.

A formação do pedagogo será tratada não somente como uma ação da instituição formadora, cujo papel é preparar o profissional para atuar na instituição escolar, mas também, como busca da relação entre a ação curricular vivenciada no âmbito do curso de Pedagogia, e as condições e meio em que vivem o profissional tentando descobrir de que forma essa relação entre os dois ambientes repercutem nas suas vivências em sala de aula, ao desempenhar sua função docente.

Essas relações envolvem escolhas, uma vez que os alunos-professores se confrontam com novas situações, a todo momento. Daí uma reinvenção da prática, mesmo que alguns valores sejam resistentes, se mantenham ou se conservem.

No processo de pesquisa utilizamos uma abordagem qualitativa por considerá-la mais adequada a uma análise do objeto de estudo. A pesquisa qualitativa, segundo Boogdan e Biklen apud Ludke (1986, p.130), envolve.

A obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada. Enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Nessa mesma linha de pensamento, Ludke (ibid. p.18), afirma que o estudo qualitativo, “é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

Procuramos ter uma postura reflexiva diante dos fatos observados e da leitura dos discursos dos atores.

A tentativa foi de envolver todos os sujeitos do curso enquadrados nas características que buscávamos na pesquisa: os alunos do último semestre que já exercessem a função docente. O total de respondentes da pesquisa somaram cinco alunos e dois professores. Porém, a realidade e os estudos teóricos nos levaram a compreender que, na pesquisa social, o essencial é a compreensão dos sujeitos sobre objeto investigado, e não a quantidade de pessoas investigadas.

Dessa forma, presentes no cotidiano do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA, buscamos a participação daqueles que quisessem colaborar. Assim, a escolha dos sujeitos deu-se pela adesão voluntária.

A adesão voluntária segue os princípios adotados pela proposta de avaliação institucional de pesquisadores brasileiros (Ristoff,1995). Nessa perspectiva a pesquisa não ficou comprometida uma vez que os respondentes tiveram todo o interesse em participar e as respostas resumem o pensamento do grupo maior.

O princípio da adesão voluntária expressa a idéia de que o fundamental é instaurarmos nas escolas a cultura da avaliação, torná-la parte integrante do trabalho pedagógico. Este processo deve ser construído coletivamente, com a intensa e voluntária participação dos membros da comunidade escolar (RISTOFF, 1995).

Por organização do trabalho pedagógico compreendemos o trabalho efetivo desenvolvido na escola, no âmbito da sala de aula, e as idéias e ações que orientaram a construção execução do projeto político-pedagógico, documento orientador das ações de gestão, administração e pedagógico, e por sua natureza, deverá ter a ampla participação de todos os sujeitos envolvidos no rumo da instituição escolar.

Procuramos descobrir as expectativas de formação do profissional, se, restringe-se, apenas à dimensão profissionalizante. Observando por essa ótica, a organização do trabalho pedagógico está alicerçada, de modo geral, nos princípios da divisão do trabalho e da separação entre a concepção e a execução, evidenciada no próprio trabalho pedagógico, característica marcante de nossas instituições de ensino superior, como citado por Veiga (1997):

Ao exercer essas funções, ela esbarra num tipo de organização de trabalho pedagógico que reforça seu papel de preservação da dominação. Por essa ótica, a organização do trabalho pedagógico está alicerçada, de modo geral, nos princípios da divisão do trabalho e da separação entre a concepção e a

execução, evidenciando no próprio trabalho pedagógico, características marcantes de nossas instituições de ensino. (VEIGA, 1997, p.52)

Essa questão nos remete a uma preocupação sobre a ideia de divisão entre os que pensam e os que executam, visto que essa lógica elaborada conduz ao controle hierárquico, seja do ponto de vista do docente, seja do ponto de vista do aluno.

A ausência do controle do processo de trabalho pelos educadores se dá quando acontece uma separação dos papéis dos atores dessa ação, cada um com papéis definidos e estanques, sem uma relação direta e intencional.

A fragmentação leva o trabalho pedagógico à rotina, à repetição, ao pragmatismo, reforçando ações desnecessárias, que geram a perda de tempo. Segundo Veiga (1997, p.53):

Essa fragmentação se expressa, ainda, no funcionamento das instituições de ensino superior, com base em um número considerável de conselhos, comissões e colegiados nos quais costumam a ter assento os chefes, os coordenadores e, em algumas instituições, os representantes dos professores mais titulados.

Na dinâmica interna das instituições, tanto departamentos como coordenações dos cursos acabam se voltando mais para questões administrativas do que para as pedagógicas e acadêmicas. O professor fica envolvido com uma parcela do trabalho, desconhecendo-o em sua totalidade, como, por exemplo, no desenvolvimento da proposta do curso, de cuja discussão não teve condição de participar, nem acesso à sua fundamentação.

Dessa forma, estes sujeitos, independente das concepções da instituição, produzem novas leituras e interpretações de mundo a partir da história de cada um e de projetos de trabalho elaborados na experiência prática, criando-se, a cada nova situação, um novo projeto divorciado de uma definição de um grupo maior, formado pelo conjunto de professores, destituindo-se um pensar organizado, refletido e participativo.

Eu planejo a cada semestre minha proposta de trabalho para aquele semestre, depois vou adequando alguns conteúdos novos para trabalhar em algumas situações. Só que faço e na verdade sem envolver-me com outras áreas. Sabemos da necessidade de fazer esse trabalho integrado, interdisciplinar, mas, acabamos fazendo tudo sozinho né? (Professor A)

Segundo Moreira (apud VEIGA, 1997), a produção do conhecimento acaba ocorrendo de forma fragmentada e limitada, uma vez que grande número de professores se restringe a preparar aulas e ministrá-las, corrigir trabalhos e participar de reuniões.

Visto por essa ótica, o trabalho pedagógico torna-se desqualificado, quando professor e alunos não dominam inteiramente o processo que vivenciam e desenvolvem.

Freitas (2005) lembra-nos da necessidade do envolvimento do professor na produção da prática, através da teoria, refletida, considerando que teoria e prática são elementos indissociáveis na produção do trabalho pedagógico:

A organização do trabalho pedagógico deve ser a produção do conhecimento não necessariamente original, por meio do trabalho como valor social, não do “trabalho”, de faz-de-conta, artificial, a prática refletindo-se na forma de teoria que é devolvida à prática, e sim um circuito indissociável e interminável de aprimoramento. (FREITAS 1995, p. 100).

Salientamos a fundamental necessidade de compreendermos o termo “trabalho”, para situarmos o fazer do professor nessas concepções. Na visão de Freitas (1995, p.96) trabalho significa:

Trabalho em sentido geral é a maneira como o homem se relaciona com a natureza que o cerca com a intenção de transformá-la e adequá-la às suas necessidades de sobrevivência (apropriação/objetivação). É pelo trabalho que o homem interage com a natureza modificando-a, produzindo conhecimento sobre a mesma, e modificando a si mesma.

A organização do trabalho pedagógico docente deve fazer parte da análise da proposta de formação do professor, em razão de definir a função social desempenhada pela instituição formadora, sua proposta à demanda social, sempre voltada para uma realidade existente, considerando os fatores que intermedeiam a prática do professor com as questões presentes nas escolas.

A organização do trabalho, em especial do trabalho pedagógico, dá-se no seio de uma organização social historicamente determinada. A forma que essa organização assume, na escola, mantém ligação com o tipo de organização social da qual a instituição escolar faz parte.

O papel das instituições de ensino superior, principalmente nos cursos de formação de professores, é gerar e produzir saberes. Dessa forma, as instituições de ensino, seja do ensino básico ou superior, precisam pensar sua atual organização do trabalho pedagógico, a fim de exercer seu papel na formação de indivíduos engajados e

capazes de uma compreensão crítica da realidade e atuantes na defesa de uma mudança na lógica excludente, presente na sociedade de maneira geral e não somente o papel de instruir para o ingresso ao mundo produtivo.

Gerar uma nova possibilidade de organização do trabalho docente é necessário para que esses educadores responsáveis pela formação de novos profissionais, tenham compreensão em profundidade dos problemas postos pela prática pedagógica. Tal organização visa romper a separação entre concepção e execução, entre pensar e fazer, entre teoria e prática. É necessário resgatar o controle do processo e do final do produto do trabalho dos professores.

Para melhor compreendermos a organização do trabalho pedagógico da instituição buscamos no Projeto Político Pedagógico observar como é colocado pela instituição formadora as orientações para a estrutura de trabalho do professor. Conforme o documento, o curso se estrutura na seguinte proposta de trabalho:

O curso estruturar-se em atividades bastante diversificadas, desde as atividades teóricas as atividades práticas e as atividades ditas, “teórico-prática”, que compreende o planejamento e o desenvolvimento progressivo do trabalho do curso, atividades de monitoramento, iniciação científica e de extensão diretamente orientadas por membros do corpo docente da instituição, decorrentes ou articuladas às disciplinas, áreas de conhecimentos, seminários, eventos científico-culturais e estudos curriculares. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO URCA 2007, p. 4).

O documento demonstra que a elaboração de atividades teóricas e práticas acompanham a orientação do grupo de professores, através de planejamento, orientação e avaliação. Porém na fala dos professores do curso, pudemos perceber que de fato, há uma separação muito grande das atividades de planejamento das atividades docentes de sala de aula. Cada professor planeja suas aulas sem se envolver com as atividades de outras disciplinas e de outros professores. O mesmo ementário da disciplina, que é o documento orientador para a elaboração da proposta da disciplina do professor, é interpretado em forma de textos e abordagem, de diversas formas.

A instituição nos apresenta o ementário da disciplina com temáticas que deverão ser abordadas durante o trabalho com aquela disciplina. Fazemos a interpretação dos objetivos da disciplina e do conteúdo e elaboramos a nossa proposta de trabalho para aquela disciplina e apresentamos a coordenação do curso, que dependendo qual seja muitas vezes nem pedem para que entregue. Só que o professor tem a liberdade de elaborar sua proposta, sem necessariamente ser igual à de outro professor que trabalha a mesma disciplina. (Professor A).

Interpretando as colocações do professor, podemos dizer que a produção dos instrumentos e conteúdos que fazem parte da elaboração do trabalho do professor e do conhecimento dos alunos do curso, é produzida de forma fragmentada e limitada, já que o professor se restringe a preparar as suas aulas e ministrá-la, sem uma preocupação do envolvimento interdisciplinar.

Não estamos afirmando que essa prática seja extensiva ao universo total dos professores, porém, é possível encontrar alguma ação docente que privilegia o ensino simplesmente, desarticulado do fundamento do que seria o ensino universitário: ensino, pesquisa e extensão.

Os elementos da prática pedagógica do professor que se manifestaram constantemente na fala das alunas entrevistadas, como sendo influenciado em razão da ação formadora do curso, foram a avaliação e a relação professor-aluno e o entendimento da sua prática através dos conteúdos das disciplinas.

O elemento avaliação é recorrente em todas as falas, como sendo reformulada nas suas práticas, pois a compreensão desse elemento considerado “fundamental” necessitou tomar nova postura, frente à percepção que os informantes adquiriram com os estudos no curso:

Algo que considero fundamental para mim e para a mudança na minha prática, foi a forma como vejo hoje a avaliação da aprendizagem em sala de aula. Avalio hoje completamente diferente da forma que eu avaliava antes de cursar a Pedagogia. Hoje sei que a avaliação deve servir a aprendizagem dos meus alunos e não como forma de pesar, medir a aprendizagem deles. Avalio também de diferentes formas que não é só a prova. Faço dinâmicas de grupos, trabalhos individuais, avalio o aluno no todo e no coletivo, né? E sei que só foi possível essa compreensão através dos estudos, das leituras e discussões na Faculdade que me abriram horizontes em minha prática na sala de aula, com meus alunos. (Aluna C)

Sem dúvidas a avaliação foi um dos fatores de mudança de visão que considero principal na minha prática. Avaliar tomou outro significado para mim e para o que trabalho com os meus alunos. A avaliação na Educação Infantil, por exemplo, não tem razão de ser, se for feita para reter o menino. Ela nos dá visão do que o aluno aprendeu se desenvolveu e de onde devo partir e de onde o aluno deve chegar. Particularmente, acho a avaliação o divisor de águas (riso) (Aluna E)

### **A Relação professor-aluno e suas influências na prática do aluno-professor.**

Acreditamos ser interessante para os nossos estudos, a discussão de um dos elementos da prática pedagógica influenciador nas posturas, concepções e ações dos alunos do curso de Pedagogia: a relação professor-aluno.

O homem, um ser social por natureza é necessita conviver com os seus semelhantes. Desta forma, é obrigado a estabelecer, desde seu nascimento, relações com os outros homens, como forma de garantir sua sobrevivência e fortalecer os vínculos afetivos, numa característica própria, diferente dos outros animais.

Essa relação se estabelece das mais variadas maneiras, criando vínculos, somando interesses e formas de perceber e tolerar as diferenças que cada um carrega. As diferenças reforçam a afirmação de que somos sociais, porém, singulares e únicos. Nas diferenças encontramos a interseção que nos une e nos agregam gerando essa dependência uns dos outros.

A socialização do saber e a troca dos conhecimentos historicamente construídos se deram pela necessidade de buscar perpetuar as descobertas e as aprendizagens para as gerações seguintes, e garantir a troca entre pares, de informações e valores elaborados pelos grupos formados, facilitando os meios de convivência com a natureza e com os outros homens.

Dessa forma, o surgimento do saber sistematizado passou a ser necessário para que na dinâmica da troca de informações, fossem oferecidas informações a uma gama maior de pessoas, até o momento em que, o saber torna-se indispensável à vivência social e um valor de troca e de poder que a sociedades buscam agregar, como forma de demonstração de desenvolvimento.

A escola, como instituição capaz de sistematizar os saberes historicamente elaborados, vem fazendo esse trabalho, de maneira, que traduz nos seus meios e nas suas relações interesses dos grupos que ela serve.

As relações que os professores e alunos travam, ao longo do trabalho de instrução é uma tradução da forma de perceber do professor e da instituição formadora do papel que representa a educação na sociedade.

Tendo claro que a escola é o local de sistematização de saberes e conhecimento, é preciso que se garanta a assimilação desses. E a relação em que professor e alunos estão envolvidos através de metodologias e formas de sistematização, precisa ser pensada pelo professor, garantindo sua transmissão. Para Saviani (2003):

Vê-se assim, que para existir a escola não basta a existência do saber sistematizado. É necessário viabilizar as condições de sua transmissão e assimilação. Isto implica em dosá-lo e seqüenciá-lo de modo que o aluno passe gradativamente do seu não-domínio ao seu domínio. Ora, o saber dosado e seqüenciado para efeitos de sua transmissão-assimilação no espaço

escolar, ao longo de um tempo determinado, é o que nós convencionamos chamar de “saber escolar” (SAVIANI, 2003, p.18).

Sendo assim, percebemos que na relação professor-aluno, se concretiza o trabalho com o conhecimento necessário ao progresso e ao desenvolvimento do aluno, numa relação dialética, proporcionada pelo professor.

A postura adotada pelo professor, frente ao conhecimento trabalhado na escola, na sala de aula, traduz a concepção do professor do tipo de sujeito que se deseja formar e ainda sua concepção de educação. Para tanto, é necessária uma sólida formação dos professores que formam professores e uma compreensão clara do seu papel social.

Para isso, o professor deve munir-se de uma concepção pedagógica que lhe dê suporte para desenvolver nos seus alunos a possibilidade da transformação do saber e não apenas a reprodução. Ele deve, ainda, optar pelo respeito dos conhecimentos que os alunos trazem para sala de aula, numa complementaridade aos conhecimentos formais.

Para melhor compreensão desta perspectiva, lembramos Paulo Freire (1987, p.18):

Reduzimos o ato de conhecer o crescimento existente a uma mera transferência deste conhecimento. E o professor se torna exatamente o especialista em transferir conhecimentos. Então ele perde algumas qualidades necessárias, indispensáveis, requeridas na produção do conhecimento existente. Algumas destas qualidades são, por exemplo, a ação, a reflexão crítica, a curiosidade, o questionamento exigente, a inquietação, a incerteza – todas estas virtudes indispensáveis ao sujeito cognoscente.

Assim sendo, a concepção de ensino e as práticas realizadas pelos professores deverão se modificar, de forma que os sujeitos do conhecimento, professor e aluno, estejam em posição de internalização ou conscientização de sua participação, como um sujeito situado historicamente, e não um ser simplesmente contemplativo às questões que se apresentam no seu cotidiano, necessárias para uma mudança.

Para compreendermos as influências do currículo do curso de Pedagogia na prática dos seus alunos que já exercem a função docente, observamos na fala dos interlocutores que a relação com o professores nas aulas ou em atividades curriculares, definiu algumas posturas adquiridas, que se consolidaram resultado da relação, ora de forma positiva, ora de forma negativa.

As colocações foram as mais diversas possíveis, desde a crítica a algumas práticas, ao elogio a outras:

Eu te digo: Já mais vou quere repetir na minha sala de aula, o que alguns professores fazem aqui! Não me referencio de forma alguma com a postura de alguns professores. Esse que parecem levar um rei na barriga, e muitas vezes é o que menos se interessa pelo trabalho que faz. Falta aula, não recupera os conteúdos, é uma bagunça. O professor deve ter uma responsabilidade grande com o que faz, é muito sério o nosso trabalho, se agente prejudica um menino com a nossa irresponsabilidade, prejudicamos esse menino pelo resto da vida. (Aluna E).

No pensamento de outras alunas, alguns professores, influenciaram positivamente na formação da sua identidade profissional, através da relação menos conflituosa.

-Tenho na lembrança algumas situações que valeram demais para mim e que me ajudaram muito, em relação a minha forma de me comportar em sala, de tratar meu aluno e de falar também com as crianças e com os meus colegas de escola. Sabe por quê? Porque agente acaba copiando as atitudes dos nossos professores aqui na Universidade, levando para a escola. Se forem bons, agente copia e se forem ruins também. O exemplo disso foi uma professora que toda sala admirava pela atitude dela com os alunos, tudo era respeitado, não enrolava aula, a além do mais, sabia transmitir os conhecimentos. Aí agente diz: era assim que eu queria ser (riso). (Aluna D).  
-Alguns professores vou querer levar na lembrança pelo resto da vida, outros não. (Aluna A).

Libâneo (1994), salienta que a interação professor-aluno, representa um dos aspectos fundamentais para planejar a organização “didática”, que tenha como foco alcançar os objetivos dos processos de transmissão e assimilação dos conhecimentos, habilidades e hábitos. Segundo o autor, “As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais a dinâmica das manifestações na sala de aula fazem parte das condições organizativas do trabalho docente” (LIBÂNEO, 1994, p. 249).

Ainda para o autor, são dois os aspectos a serem considerados na relação entre o aluno e o professor: o aspecto cognoscitivo, aquele que diz respeito a formas de comunicação do conteúdo escolares indicadas aos alunos, e os aspectos sócioemocionais, os quais dizem respeito às relações pessoais entre professores e alunos e normas disciplinares indispensáveis ao trabalho em sala de aula.

Os dois aspectos se entrecruzam, possibilitando que a ação docente possa positivamente ocorrer, ocasionando a apreensão dos conhecimentos por parte dos alunos.

A difícil tarefa do professor deverá ser orientada e compreendida nos curso de licenciaturas, considerando os aspectos conflitivos existentes na convivência de sala de aula. São desafios diários a serem desenvolvidos pelos professores na convivência com

o aluno; acolhendo suas diversidades, seu olhar plural e as emoções que acompanham e permeiam essa relação.

A nossa boa relação com alguns professores facilitou o envolvimento com a disciplina que ele ensinava. Parece que se tornava mais fácil os conteúdos. Entendíamos o que realmente ele queria transmitir. Por outro lado, ai meu Deus! Tinha professor que nada do que ele trabalhou, “entrou”, pois agente tinha certas dificuldades com ele. (Aluna B)

Dessa forma, fica evidente a importância dada à relação entre o professor e os alunos na sala de aula dos cursos de formação, para que os objetivos determinados, como resultados do trabalho pedagógico, possam ser alcançados.

### **Concluindo**

Dentre as observações elencadas e que serviram as nossas reflexões, concorrem as questões a seguir apresentadas:

-Todas as ações do currículo da instituição, mesmo sem relações intencionais aparentes, refletem na organização da prática pedagógica dos alunos, nas escolas em que trabalham e na formulação do perfil profissional.

Sobremaneira, a definição, por parte da instituição formadora, do perfil do egresso, é fundamental para orientação do corpo docente, no trabalho com os conteúdos, na organização do trabalho pedagógico e na relação com os alunos. Para tanto, é preciso considerar algumas questões relevantes que comprometem ao objetivo de formação.

O currículo do curso estudado, organizado em disciplinas, retrata a fragmentação e o conservadorismo presentes na formação do professor. Os professores do curso tendenciam a dar ênfase a seus campos disciplinares, demonstrando aos alunos uma prática pedagógica parcelada, que redundará na identidade e na prática futura do aluno-professor, desvirtuando a ação de relação das disciplinas, na compreensão da educação como prática social.

Concordamos com Moreira (1994) quando sugere que se repense a organização do trabalho pedagógico, no cotidiano de Ensino Superior, examinando-se a possibilidade de estruturá-lo em programas e/ou projetos de estudo de pesquisa. Trata-se de incentivar a criação de espaços alternativos, nos quais discentes/docentes pesquisadores se integrariam segundo área de interesse com fluência e conhecimentos

afins, que melhor contribuam para assegurar à instituição os desempenhos sociais das funções dela esperada.

As influências da ação docente da formação inicial na prática dos alunos-professores, por nós tratada é um dos aspectos percebidos essenciais para a melhoria da prática desses professores, em razão da sua formação inicial.

### **REFERÊNCIA TEÓRICA**

FREITAS, Luiz Carlos. **Crítica a Organização do Trabalho Pedagógico e a Didática.** Campinas – SP: Papirus, 1999

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo – SP: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e ousadia. O cotidiano do professor.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática.* São Paulo: Cortez, 1994

\_\_\_\_\_, José Carlos. **Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia.** In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas.* São Paulo: Cortez. 2002.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).